



Ezequiel 1–6: Comentário Exegético Verso a Verso

Uma análise acadêmica aprofundada da visão da Glória Divina, do chamado profético e do juízo sobre Israel — capítulo por capítulo, versículo por versículo.

[Explorar o Comentário](#)

[Sobre o Autor](#)

Introdução – Por que Ezequiel ainda fala ao nosso coração?

Contexto Histórico

Escrito durante o exílio babilônico (597–539 a.C.), o livro de Ezequiel emerge em um dos períodos mais críticos da história de Israel. A identidade nacional, religiosa e espiritual do povo estava sob ameaça existencial. Longe da terra prometida e do templo, os exilados questionavam se Yahweh ainda reinava.

Objetivo desta Exegese

Este comentário acadêmico busca revelar a rica teologia da **presença de Deus** — sua glória, mobilidade e juízo soberano — tal como apresentada por Ezequiel. Ao mesmo tempo, propõe uma ponte hermenêutica entre o texto antigo e a experiência do crente contemporâneo que também vive em contextos de "exílio cultural".

HERMENÊUTICA

EXEGESE ACADÊMICA

KJA

Capítulo 1 – A Visão do Trono (vs. 1–3)

Versículo 1 – Contexto Geográfico e Exílico

"Quinto dia do quarto mês... eu, **Ezequiel, filho de Buzi, vivia à margem do rio Quebar.**" O rio Quebar, canal do Eufrates próximo a Nippur, representa a fronteira simbólica entre a terra da promessa e a terra do cativeiro. A visão não ocorre em Jerusalém, mas no exílio — declaração teológica radical: **a glória de Deus não está confinada ao templo.**

Versículo 2 – Marca Cronológica

"**Cinco anos de cativeiro do rei Joaquim.**" Esta referência cronológica precisa situa a visão em aproximadamente **593 a.C.**, confirmando a continuidade profética após a primeira deportação. A datação dupla (v.1 e v.2) reforça a credibilidade histórica do texto e a seriedade do evento.

Versículo 3 – A Teofania Inaugural

"**A palavra do Senhor veio a Ezequiel... a mão do Eterno esteve sobre ele.**" A expressão "mão de Deus" (יָד יְהוָה, *yad YHWH*) é um termo técnico veterotestamentário que indica **capacitação divina extática**, encontrada também em Êxodo 31:3 e 1 Reis 18:46. Esta teofania inaugura a autoridade profética de Ezequiel perante a comunidade exilada.

A Tempestade que Anuncia a Glória (v. 4)

Análise do Versículo 4

"Uma nuvem enorme, relâmpagos, luz brilhante, fogo como metal reluzente." A imagética tempestuosa do versículo 4 pertence ao repertório clássico das **teofanias yahwísticas** (Êx 19:16; Sl 18:9-14). A expressão hebraica *ḥašmal* — traduzida como "metal reluzente" — é de difícil equivalência; o Targum traduz como "fogo falante", sugerindo a transcendência comunicativa de Deus.

A tempestade vem do **norte** (*tsafon*), direção associada na cosmologia semítica à morada dos deuses (Sl 48:2) e, no contexto histórico, à Babilônia — revelando que o instrumento do juízo histórico está, em última análise, sob controle divino. Esta visão prenuncia o juízo que virá sobre Judá e, paradoxalmente, sobre seus opressores.

Paralelos Teológicos

- Êxodo 19:16 — Teofania no Sinai
- Salmo 18:9-14 — Descida de Yahweh nas nuvens
- Malaquias 3:2 — Fogo purificador messiânico
- Apocalipse 4:5 — Trovões diante do trono eterno

☐ A presença de Deus não é delicada — é aterradora, santa e soberana. A tempestade não é caos; é a **ordem suprema** de Deus em movimento.

Os Quatro Seres Viventes – Forma Humana (vs. 5–6)

Versículo 5 — Aparência Humana

"**Quatro vultos... aparência humana.**" A forma humana dos seres viventes (*hayyot*) evoca a doutrina da *imago Dei* (Gn 1:27). No pensamento hebraico, a humanidade é o ápice da criação, feita para refletir a glória divina. Sua presença no entorno do trono indica que a adoração mais elevada é aquela que integra a racionalidade e a afetividade humanas.

Versículo 6 — Quatro Rostos, Quatro Asas

"**Quatro rostos e quatro asas.**" O número quatro, na simbologia hebraica e antiga, representa a **totalidade cósmica** (os quatro pontos cardeais, os quatro ventos). Os quatro rostos simbolizam a **onisciência** — a capacidade de perceber todas as direções simultaneamente — enquanto as asas representam a **onipotência** de movimento. Ezequiel contempla seres que são instrumentos perfeitos da vontade divina.



Detalhes das Asas e dos Pés (vs. 7–9)

→ Versículo 7 — Pés como Bezerro

Pés semelhantes ao de um bezerro, **brilhando como bronze polido**. O bronze (*nehōšet*) no universo cultural israelita está associado ao altar do sacrifício — objeto santificado pelo fogo. Esta imagem evoca **estabilidade e pureza sacrificial**, sugerindo que os seres só pisam onde Deus permite e purifica.

→ Versículo 8 — Mãos sob as Asas

"**Mãos humanas sob as asas de seus quatro lados.**" A mão (*yad*) é símbolo bíblico de **agência criativa e poder executivo**. As mãos escondidas sob as asas indicam capacidade de ação concreta subordinada à orientação do Espírito — um modelo de ministério: poder à disposição, aguardando direção divina.

→ Versículo 9 — Unidade no Movimento

"**As asas se tocam, mas não se viram; caminham sempre para frente.**" O movimento linear sem retrocesso é teologicamente significativo: a vontade de Deus avança sem hesitação. A **unidade dos seres** no movimento pode ser lida como prefiguração da *perichoresis* trinitária — comunhão perfeita em ação coordenada.

As Faces dos Seres – Homem, Leão, Boi, Águia (vs. 10–12)

Versículo 10 — Quatro Faces, Quatro Atributos

Face humana: sabedoria e racionalidade — a criatura que conhece e delibera. **Face de leão:** coragem e realeza — o Rei dos animais representando autoridade. **Face de boi:** força e serviço fiel — o animal do trabalho e do sacrifício. **Face de águia:** soberania e visão transcendente — o pássaro que contempla do alto. Esta quaternidade é retomada em Apocalipse 4:7, associada aos quatro evangelistas pela tradição patrística (Irineu de Lião, séc. II).

Versículos 11–12 — Asas e Movimento Espiritual

"As asas superiores... cobriam seus corpos, e cada um caminhava na direção do Espírito." As asas superiores em posição de cobertura indicam **reverência e velamento diante da santidade divina** (cf. Is 6:2, os serafins). O princípio hermenêutico central de vs. 12 é que os seres **não escolhem sua direção** — obedecem ao Espírito. Ezequiel contempla o modelo perfeito de vida espiritual: movimento guiado, não autodirigido.

Chamas e Relâmpagos Entre os Seres (vs. 13–14)



Brasas Ardentes (v. 13)

"Havia entre os seres o aspecto de brasas ardentes, como tochas que iam e vinham entre eles." O fogo (*eš*) nos textos proféticos é simultaneamente símbolo de **purificação, presença e julgamento**. A mobilidade das brasas — "que iam e vinham" — sugere energia dinâmica, não estática, da santidade divina em ação contínua. Paralelo direto com Malaquias 3:2: "Ele é fogo de fundidor".



Relâmpagos (v. 14)

"E os seres corriam e voltavam como o relâmpago." O termo hebraico *bāzāq* (relâmpago) descreve velocidade e poder irresistível. A comparação ao relâmpago (*bārāq* em outros contextos) é usada no AT para descrever a ação de Yahweh na história (Sl 77:18; 97:4). A **rapidez dos seres** é teologicamente eloquente: o propósito de Deus é executado sem demora, sem obstáculo.

As Rodas (Ofanins) – Mobilidade Divina (vs. 15–21)

Rodas Interligadas (vs. 15–16)

As rodas (*ofanin*, אֲפָנִים) brilhavam como **berilo** (pedra preciosa de cor azul-esverdeada), e eram "uma roda dentro de outra roda" — geometria impossível que comunica **onipresença**: Deus pode mover-se em qualquer direção sem girar, sem limitação espacial. A roda é símbolo da providência que nunca para.

Aros Cheios de Olhos (vs. 17–18)

Os **olhos nos aros** representam vigilância absoluta — a doutrina da *omniscientia Dei*. Nada escapa ao campo de visão do Senhor. Aros (*gab*) é um termo arquitetônico, sugerindo estrutura robusta. A combinação de movimento e visão total é um retrato da providência divina ativa e consciente.

Obediência ao Espírito (vs. 19–21)

"**Para onde o Espírito queria ir, as rodas iam junto.**" Este trecho apresenta a relação entre **providência e Espírito Santo**: os mecanismos da história (rodas) respondem perfeitamente à vontade do Espírito. É uma das declarações mais claras do AT sobre a soberania do Espírito na direção da história universal (cf. Sl 103:19 — "O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo").

- As rodas de Ezequiel tornaram-se um dos temas mais estudados na mística judaica (*Merkavah*), influenciando séculos de teologia e mística.

O Firmamento e o Barulho das Asas (vs. 22–24)

Versículo 22 — O Firmamento de Cristal

"Sobre as cabeças dos seres havia uma abóbada, com o aspecto de cristal de gelo, maravilhosa." O *rāqîa'* (firmamento) de cristal (*qerah*, gelo) separa o domínio dos seres do domínio do trono. Esta separação é teologicamente fundamental: representa a **santificação** — a distinção radical entre o criado e o Criador. A translucidez do cristal indica que a glória acima é visível, mas não diretamente acessível.

Versículos 23–24 — O Som das Asas

"O barulho das asas era como o barulho de muitas águas, como a voz do Todo-Poderoso." A comparação sonora (*šadda*) é recorrente na literatura profética: Isaías 17:12 e Apocalipse 1:15 usam o mesmo símbolo de "muitas águas" para descrever a voz divina. O som ensurdecador das asas não é distração — é **adoração cósmica**. A criação inteira emite um som que é, em última análise, a voz do próprio Deus.

Capítulo 2 – O Chamado ao Povo Exilado (vs. 1–3)

Versículos 1–2 — Filho do Homem, Levanta-te

"**Filho do homem, levanta a voz contra a casa de Israel.**" A expressão *ben-ādām* (filho do homem) é usada mais de 90 vezes em Ezequiel, sempre como apelativo divino ao profeta. Ela sublinha sua **humanidade fragilizada** diante da majestade divina, ao mesmo tempo em que o equipa para o ministério. O Espírito entra nele para sustentá-lo — Ezequiel não fala por si mesmo, mas por investidura sobrenatural.

Versículo 3 — Portador de Advertência

"**Não temais as palavras que vos digo.**" O encorajamento divino pressupõe que a tarefa será difícil e perigosa. O profeta é enviado a um povo **rebelde, duro de coração e impudente** (v.4). Mesmo assim, Deus diz: "fala as minhas palavras, quer ouçam ou não ouçam" — o critério do ministério profético não é o resultado, mas a **fidelidade à mensagem recebida**. Esta é uma das afirmações mais radicais de toda a literatura profética bíblica.

A Rebelião de Israel (vs. 4–7)

Versículos 4–5 — Causa do Exílio

"Israel se rebelou contra mim, e eu os entreguei nas mãos dos inimigos." A teologia deuteronomica do **pacto condicional** (Dt 28–30) está em plena operação aqui. O exílio não é acidente histórico nem derrota de Yahweh — é a consequência prevista e advertida da apostasia sistemática. Ezequiel é enviado para que o povo saiba que *"houve um profeta entre eles"* (2:5), mesmo que rejeite a mensagem. O juízo é, paradoxalmente, uma forma de graça: revela que Deus ainda age na história.

Versículos 6–7 — Perseverança Profética

"Não temas, ainda que espinhos e abrolhos estejam contigo e habites entre escorpiões." A linguagem é crua e visceral: o ministério profético é perigoso. "Escorpiões" pode ser metáfora para a hostilidade humana, mas também evoca o ambiente árido e hostil do exílio. A promessa implícita é de **proteção divina na missão**. A instrução "fala as minhas palavras" sem condicional é o mandato mais claro de toda a perícopa — Ezequiel deve proclamar, independentemente da recepção.



A Visão de um Novo Coração (vs. 8–10)

Versículo 8 — Transformação Interior

"Eis que o Senhor está sobre vós, e eu vos darei um coração **novo**." Esta promessa, elaborada plenamente em Ezequiel 36:26, é uma das mais radicais de todo o AT: Deus não apenas muda circunstâncias externas — ele opera uma **metamorfose ontológica** no ser humano. O "coração de pedra" (לב טוֹ, *lev even*) será substituído por um "coração de carne" — sensível, responsivo, vivo. Esta é a antecipação veterotestamentária da doutrina do novo nascimento (Jo 3:3-8).

Versículos 9–10 — Caminhos de Justiça

"E vos farei andar em meus estatutos." A ênfase no **imperativo ético** que emerge da transformação interior é característica da teologia profética exílica. Diferente de um legalismo externo, o novo caminhar é consequência da obra do Espírito (Ez 36:27). Ezequiel antecipa aqui o que Paulo articulará em Romanos 8:4 — o cumprimento da lei como fruto, não como esforço humano autônomo.

O Futuro de Israel (vs. 11–12)

Versículo 11 — Convite à Reconciliação

"Então, quando eu vos chamar, vinde a mim." O imperativo do retorno (*šûb*) é o coração da teologia profética — arrependimento como conversão total, não apenas emocional. Deus **convida** antes de restaurar: a iniciativa é divina, mas a resposta é requerida. Esta tensão entre soberania e responsabilidade humana é uma das mais ricas da teologia bíblica, presente também em Jeremias 31:18 e Oséias 14:1-4.

Versículo 12 — Esperança Escatológica

"E eu vos livrarei da mão dos inimigos." A promessa de libertação (*nāṣal*) é ao mesmo tempo histórica e escatológica. Historicamente, refere-se ao retorno do exílio babilônico (539 a.C.). Escatologicamente, aponta à **redenção definitiva** que a tradição cristã identifica com a obra do Messias. O povo que ouve a voz de Ezequiel é convidado a ancorar sua esperança não nas circunstâncias presentes, mas na fidelidade do Deus que promete e cumpre.

ESCATOLOGIA

RESTAURAÇÃO

ESPERANÇA

Capítulo 3 – O Profeta como Sentinela (vs. 1–5)

01

Versículos 1–2 — Comer o Rolo

"Filho do homem, come o que achares; come este rolo, e vai, fala à casa de Israel." O ato de **comer o rolo** (*megillâ*) é um dos gestos proféticos mais estudados do AT. Indica que a palavra de Deus deve ser internalizada — não apenas proclamada. O profeta não é um mensageiro externo, mas um **portador corporificado** da mensagem. Jeremias 15:16 expressa a mesma experiência: "As tuas palavras foram achadas, e eu as comi."

02

Versículos 3–5 — Doce como Mel

"Era no meu interior como mel suavíssimo." O paradoxo do rolo que contém lamentação (Ez 2:10) mas tem gosto de mel revela a **dialética profética**: a palavra de juízo, quando recebida com fé, é experimentada como graça. O profeta não proclama tragédia por prazer — proclama porque a verdade, ainda que dolorosa, é libertadora. "Não te cales, ainda que te odeiem" — a perseverança profética nasce do sabor interior da palavra recebida.

A Responsabilidade do Profeta (vs. 6–9)



Versículos 6–7 — A Boca Fechada

"Mas eu te enviarei a eles, e eles te ouvirão." A dependência total da palavra de Deus é enfatizada pela imagem da boca que pode ser fechada por decreto divino (Ez 3:26–27). O profeta não é um orador independente — é um instrumento. A "boca fechada" de Ezequiel em determinados momentos comunica que o silêncio também pode ser profético: nem toda situação exige palavras; por vezes, o julgamento fala por si mesmo na catástrofe histórica.



Versículos 8–9 — A Boca Aberta

"Se eu abrir a tua boca, fala." O empoderamento pelo Espírito é a fonte de toda eficácia profética. Deus promete tornar a frente de Ezequiel "**mais dura que pederneira**" — não como arrogância, mas como firmeza santa diante da resistência do povo. Esta coragem emprestada pelo Espírito é a mesma descrita em Atos 4:31, quando os discípulos pregam com ousadia após receberem o Espírito Santo.



O Sentinela (Ez 3:17-21)

A metáfora do **sentinela** (*šōpeh*) é fundamental para entender o ministério profético em Ezequiel: se o profeta avisa e o povo não ouve, o sangue é do povo; se não avisa, o sangue é do profeta. Esta responsabilidade ética do proclamador é paralela ao dever pastoral descrito em Hebreus 13:17 e ressoa com profunda atualidade para líderes cristãos contemporâneos.

Capítulo 4 – Sinais de Juízo (vs. 1–6)

Ações Simbólicas Proféticas

O capítulo 4 inaugura a seção das **ações simbólicas** (*prophetic sign-acts*) de Ezequiel — um gênero profético em que o profeta encena corporalmente a mensagem, tornando-se ele mesmo uma metáfora viva. Esta pedagogia visual era particularmente eficaz em uma comunidade que havia perdido o referencial do templo e do culto.

v. 1–2 — O Tijolo de Jerusalém

Gravura de Jerusalém em tijolo de barro com cerco militar simulado — ação simbólica do juízo iminente.

1

2

v. 3–4 — O Pão de Escassez

Cobertura com pano de saco e racionamento de alimento — profecia da fome durante o cerco.

3

v. 5–6 — Os Dias de Castigo

Ezequiel deita-se sobre seu lado por 390 + 40 dias, carregando simbolicamente a iniquidade de Israel e Judá.

Teologia das Ações Simbólicas

As ações simbólicas em Ezequiel não são meros recursos ilustrativos — possuem **eficácia performativa**: ao enená-las, o profeta participa da realidade que anuncia. Estudiosos como Moshe Greenberg e Walther Zimmerli identificam aqui um dos traços mais distintos do profetismo de Ezequiel em comparação com seus contemporâneos Jeremias e Isaías.

O período de 390 + 40 dias (total: 430 dias) ecoa os **430 anos da escravidão no Egito** (Êx 12:40-41), sugerindo que o exílio é o novo Egito — e que uma nova libertação está sendo planejada por Deus.

📖 A gematria e a numerologia bíblica não são superstição — são **linguagem teológica codificada** que comunica padrões divinos na história.

Capítulo 5 – O Lamento de Ezequiel (vs. 1–6)



Versículos 1–2 — Ritual de Luto Nacional

"Cortei o cabelo e o queimei." O corte do cabelo (*galach*) é gesto de luto intenso (cf. Jó 1:20; Mq 1:16). Ezequiel divide os fios em três partes: um terço queimado (pestilência), um terço cortado com espada (guerra) e um terço espalhado ao vento (dispersão). Esta **tripartição** representa os três destinos do povo julgado — nenhum escapa do alcance do juízo divino.



Versículos 3–4 — A Dispersão entre as Nações

"O povo será espalhado entre as nações." A dispersão (*pûts*) é apresentada não como abandono, mas como consequência pedagógica da infidelidade. Deus usa as nações — Babilônia, Assíria — como **instrumentos de disciplina**, sem que percam sua própria responsabilidade moral (cf. Habacuque 1:12-17). A teologia da história em Ezequiel é sofisticada: Deus reina sobre o caos, sem causar o mal.



Versículos 5–6 — A Esperança do Remanescente

"Mas um remanescente voltará ao seu lugar." A doutrina do *šē'ār* (remanescente) é central na teologia profética (cf. Is 10:20-22; Rm 11:5). Mesmo no contexto de juízo devastador, Deus preserva um grupo fiel. Este remanescente não é definido por etnia, mas por obediência — prefigurando a **comunidade escatológica** que a fé em Cristo constitui.

Capítulo 6 – A Destruição dos Santuários (vs. 1–6)

Versículos 1–2 — Juízo contra a Idolatria

"Destruirei os altares idólatras." O capítulo 6 é uma profecia dirigida explicitamente às **montanhas de Israel** — personificação do território onde os *bāmôt* (lugares altos) idólatras proliferaram. Esta forma de discurso é única em Ezequiel e comunica que o julgamento atinge o próprio solo profanado. A destruição dos altares não é vandalismo — é a purificação da terra que Deus prometeu à descendência de Abraão.

Versículos 3–4 — O Fim da Falsa Segurança

"Os profetas falsos serão silenciados." O juízo sobre os falsos profetas que prometiam paz sem arrependimento (cf. Jr 6:14 — "paz, paz, e não há paz") é um tema recorrente na profecia exílica. Ezequiel 13 aprofunda esta crítica. A falsa segurança religiosa — o culto sem ética, o ritual sem transformação — é denunciada como idolatria funcional, mesmo quando praticada no nome de Yahweh.

Versículos 5–6 — Esperança para o Fiel

"Mas o remanescente que obedecer será salvo." O capítulo encerra com a fórmula do reconhecimento: *"e saberão que eu sou o Senhor"* (*weyda'û kî 'anî YHWH*) — que aparece mais de 70 vezes em Ezequiel. Esta fórmula é o **telos teológico** de todo o livro: o propósito final do juízo e da restauração é o conhecimento de Deus. Não punição por punição — mas revelação de quem Deus é, tanto aos israelitas quanto às nações.

📄 "E saberão que eu sou o Senhor" — Ezequiel usa esta fórmula 72 vezes. É o coração do livro: toda história aponta ao **conhecimento de Deus**.

FÓRMULA DO RECONHECIMENTO

TEOLOGIA DA HISTÓRIA

Conclusão – A Palavra que Permanece

Síntese Teológica

Ezequiel 1–6 revela três pilares fundamentais da teologia bíblica: a **glória transcendente de Deus**, que não está confinada a nenhum templo ou território; o **juízo inevitável** como consequência da infidelidade ao pacto; e a **esperança inextinguível** de restauração, preservada no remanescente fiel. Cada visão, gesto simbólico e palavra profética aponta ao Messias que cumpre plenamente o plano divino.

Aplicação Contemporânea

Vivemos em tempos de "**exílio cultural**": valores bíblicos marginalizados, identidade cristã questionada, falsas seguranças oferecidas por vozes que prometem paz sem arrependimento. Ezequiel nos convida a reconhecer a **presença móvel de Deus** (cap. 1), obedecer ao chamado profético ainda que incômodo (cap. 2–3), e aguardar com fé a restauração final que o Senhor prometeu ao seu povo.

"Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão."

— **Isaías 40:31**

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

Comentário Exegético Acadêmico — Ezequiel 1–6 (KJA)
Versículo a Versículo, à luz da tradição exegética hebraica e cristã

TEOLOGIA BÍBLICA

EXEGESE DO AT

HERMENÊUTICA REFORMADA